

APRESENTAÇÃO

Sempre atenta ao surgimento de novas tendências críticas ou aproximações aos estudos literários, a Revista *Ipotesi*, no presente número, volta-se para uma área de pesquisa – a escrita hipertextual no meio impresso e/ou digital – que vem ganhando atenção e reconhecimento no meio acadêmico nacional e internacional. Falar de literatura nos dias atuais sem levar em consideração os diversos suportes em torno dos quais a escrita se materializa empobrece ou deixa perigosamente à margem discussões que não mais se restringem a pequenos grupos de aficionados pela digitalização da palavra.

Numa tentativa de abrigar pensamentos diferentes, ainda que sob a mesma temática, optamos por dividir os ensaios em três seções, de modo que o leitor tenha a opção de realizar seu percurso pelos textos no que existe de melhor na escrita hipertextual: a liberdade de escolha.

Em “Hipertexto e Teoria Literária” temos a oportunidade de tomar conhecimento de conceitos fundadores da prática hipertextual. Latuf Isaias Mucci explica como se dá o enriquecimento da teoria do texto ao analisarmos o ato da escrita e da leitura em ambiente outro que o impresso. Mara Alice Sena Felipe e Rogério de Souza Sérgio Ferreira concentram-se na noção de autoria e leitura em suportes que se valem da tecnologia. Silvia Regina Gomes Miho investiga a poesia e crítica mediadas pelo computador e seus desdobramentos. Rodrigo Cury Paraizo justifica sua preferência pelo termo “hiperdocumento” e a relevância de jogos eletrônicos para o engajamento do leitor com a mídia digital.

Em “Hipertexto no meio impresso e virtual”, Anselmo Peres Alôs evoca o conceito de heterotopia, segundo Michel Foucault, no contexto de dois romances argentinos. Leny da Silva Gomes equaciona as mídias impressas às mídias eletrônicas da cultura digital tendo como objeto de estudo *Avalovara*, de Osman Lins. De modo similar, Sérgio Luiz Prado Bellei examina a complexidade e riqueza de *Ulysses*, de James Joyce fora das limitações da tecnologia impressa. Nesse ensaio, entre outros aspectos, discute-se a possibilidade de transpor obras originalmente destinadas à leitura convencional para a leitura na tela do computador, o que exigiria novos hábitos e formas de compreensão textual.

Por fim, (ou inicialmente, caso nosso leitor assim o preferir), apresentamos em “A apropriação da tecnologia no fazer literário”, artigos que destacam o poder dos dispositivos ou ferramentas no universo das letras. Ana Elisa Ribeiro, por exemplo, nos mostra que as mídias móveis, como *palm tops* e aparelhos de telefonia celular, podem servir de espaço para a escrita. Robson Coelho e Marília de Alexandria promovem a integração da música com a poesia, intersecção que segundo os autores contribui para o engrandecimento intelectual e dialógico do intérprete. Gláucio Aranha indica o uso de laboratórios no segmento infanto-juvenil, na consideração de que os jovens possuem hábitos de leitura desenvolvidos dentro de uma cultura eletrônica. E, complementando a temática da seção, Quelciane Ferreira Marucci e Edgar Cezar Nolasco pesquisam o espaço virtual como local de arquivamento, exemplificado no gênero de ficção científica, tendo nos escritos de Jacques Derrida um dos principais pontos de referência para a compreensão do assunto.

Rogério de Souza Sérgio Ferreira